

A ARTE MUSICAL



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Praça dos Restauradores, 43 a 49
LISBOA



LAMBERTINI

Representante dos Editores
Francezes

Edições economicas de Ricordi,
Peters, Breitkopf, Litolf, Stein-
gräber, etc.

Partituras de Operas

Antigas e modernas
para piano e para canto

Leitura musical por assignatura

500 réis mensaes

Pecam-se catalogos

PAPEL DE MUSICA FRANCEZ

DE

Superior qualidade

Especialidade em cordas italianas

para violino, violoncello, contrabaixo, harpa, etc.

43, 44, 45, Praça dos Restauradores, 47, 48, 49

LISBOA

Augusto d'Aquino

Rua dos Correeiros, 92

Agencia Internacional de Expedições

Com serviços combinados para a importação de generos estrangeiros

SUCCURSAL DA CASA

Carl Lassen, Asiahaus

Hamburgo, 8

AGENTES EM .. { Anvers — Joseph Spiero — 51, rue Waghmakere
Havre — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — 67, Grand Quai
Paris — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — 12, 14, rue d'Enghien
Londres — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — Leadenhall Buildings, E.C.
Liverpool — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — The Temple-Dale Street.
New-York — Joseph Spiero — 11. Broadway.

EMBARQUES PARA AS COLONIAS, BRAZIL, ESTRANGEIRO, ETC.

TELEPHONE N.º 986

End. tel. CARLASSEN — LISBOA

GUARDA-MUSICAS

NOVIDADE

DA

Casa Lambertini

— * Modelos exclusivos * —

Enviam-se catalogos illustrados a quem os pedir.

SÓMENTE Á VENDA

NA

Praça dos Restauradores, 43 a 49

LISBOA

CARL HARDT

FABRICA DE PIANOS—STUTTGART

A casa **CARL HARDT**, fundada em 1855, não constroe senão pianos de primeira ordem, a tres cordas, armados em ferro bronzeado e a cordas cruzadas, segundo o *systema americano*.

Os pianos de **CARL HARDT**, distinguem-se por um trabalho solido e consciencioso; a sonoridade é brilhante e sympathica, o teclado muito elastico, a repetição facil e o machinismo aperfeiçoado; conservam admiravelmente a afinação, e a construcção é cuidada de fôrma a resistir a todos os climas.

A casa **CARL HARDT**, obteve recompensas nas seguintes exposições: — Londres, 1862 (*diploma d'honra*); Paris, 1867; Vienna, 1873 (*medalha de progresso, a maior distincção concedida*); Santiago, 1875; Stuttgart, 1881; etc., etc.

Estes magnificos pianos encontram-se á venda na **CASA LAMBERTINI**, representante de **CARL HARDT**, em Portugal.

LAMBERTINI

Pianos das principaes fabricas: **Bechstein, Pleyel, Gaveau, Hardt, Bord, Otto**, etc.

Musica dos principaes editores — Edições economicas — Aluguel de musica.

Instrumentos diversos, taes como: Bandolins, Violinos, Flautas, Ocarinas, etc.

Peçam-se os catalogos

PRAÇA DOS RESTAURADORES



Redacção e administração: P. Restauradores, 43 a 49—Composto e impresso na Typ. do ANNUARIO COMMERCIAL, P. Restauradores, 27

SUMMARY — Paganini — Principes portuguezes apaixonados pela musica — Pelo estrangeiro — S. Carlos — Notas Vagas — Concertos — Noticiario — Necrologia.

Paganini

No principio do seculo XIX Niccolo Paganini era para toda a gente uma especie de personagem fantastica, sobre a qual chegavam a correr as mais extraordinarias lendas.

Dizia-se que tinha segredos, quem sabe se bruxedos, para fazer cousas que nenhum outro artista poderia fazer, que com uma corda só do seu violino conseguia habilitades prodigiosas, que adquirira aquelle maravilhoso virtuosismo em uma prisão onde estivera encerrado durante a juventude, etc.

O certo é que Niccolo Paganini foi um dos mais extraordinarios concertistas de todos os tempos e Liszt, outro phenomeno da virtuosidade, dizia d'elle:— «Po-

derá ainda haver um artista-rei? Não hesito em dizel-o, uma apparição como a de Paganini não se renova mais. O conjuncto singular de um talento sem igual com todas

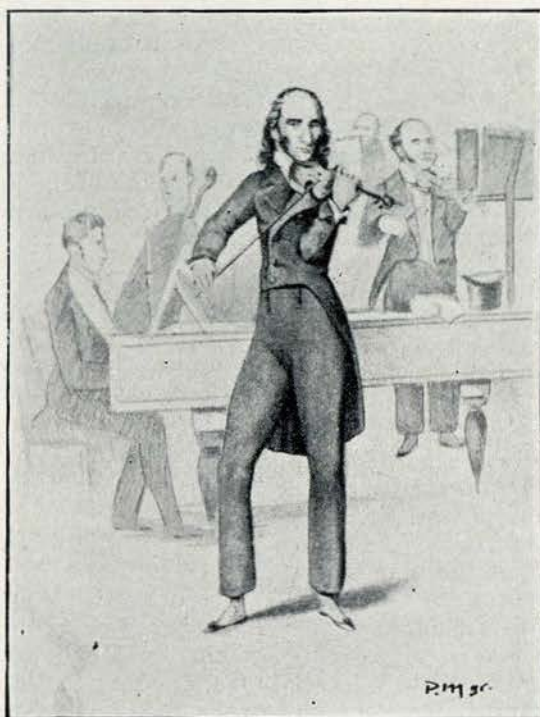
as circumstancias que concorreram para o rodear do maximo prestigio, ficará na historia da arte como um facto perfeitamente isolado e unico.»

Paganini, além de possuir uma assombrosa technica, dispunha de uma finissima sensibi-

lidade artistica, e é d'essa excepcional reunião de qualidades que provavelmente dimanava a suggestão exercida sobre todos os que o ouviam.

Manifestava-se essa sensibilidade em todas occasiões e mesmo quando não fosse elle proprio a produzir-se. O caso que se passou com Berlioz define bem essa feição do character do grande artista.

Tocava se o *Harold*, dirigido pelo auctor. Estava Berlioz, depois do concerto, rodeado pelos seus admiradores, que o felicitavam pelo exito da obra, quando vê apparecer Paganini com o filho, ainda creança, pela mão.



NICCOLO PAGANINI

Foi este que se dirigiu ao auctor da *Damnation de Faust*, dizendo: «Meu pae mandame dizer-lhe que nunca teve uma emoção tão grande n'um concerto e que a sua mu-

sica lhe fez uma impressão tão grande que de boa vontade se ajoelhou aos seus pés para lh'a agradecer.»

Imagine-se a confusão e o espanto de Berlioz ao ouvir estas palavras, logo confirmadas pelo grande violinista, que não resistiu effectivamente a ajoelhar aos pés de Berlioz e a beijar-lhe a mão, com pasmo de todos os circunstantes.

Não contente com essa prova de admiração e sabendo que Berlioz luctava com dificuldades financeiras, mandou-lhe no dia seguinte uma carta em que se continha a somma de vinte mil francos, que lhe offerecia de presente!

Se o facto é verdadeiro (1), vê-se que Paganini, além de uma paixão entusiastica e desinteressada pela arte, possuía um coração da mais pura tempera, capaz de vibrar, em sublime unisono, com todas as desventuras alheias.

E o caso não é tão frequente que não mereça a consagração da posteridade.



Principes portuguezes apaixonados pela musica

Diogo Barbosa Machado, o eminente bibliographo, que nos legou, á custa de improbas diligencias, a *Bibliotheca Lusitana*, não contente em reunir uma das mais consideraveis e selectas livrarias do seu tempo, colligiu tambem grande somma de retratos de celebridades portuguezas e algumas estrangeiras que distribuiu methodicamente por oito volumes. Esta preciosa collecção iconographica conserva-se hoje na Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, que d'ella publicou nos seus *Annaes* um *Catalogo* descriptivo, de que se fez depois tiragem em separado, em oito tomos ou fasciculos.

O *Catalogo* é redigido pelo sr. dr. José Zephyrino de Menezes Brum, chefe da secção de estampas, que o antecede de uma elucidativa *Introdução*, em que trata no seu conjunto da collecção Barbosa Machado, analysando e criticando o processo por elle seguido na maneira de a formar. Este notavel trabalho compensa-nos, em grande parte, da

(1) Era proverbial a avareza de Paganini, que chegou effectivamente a reunir uma grande riqueza, com o producto dos seus concertos; mas essa circumstancia não faz senão engrandecer o valor da dádiva feita a Berlioz.

Houve porém quem negasse o facto, ou, o que é ainda peor, affirmasse que alguém tinha dado o dinheiro a Paganini para fazer o presente e que este o fizera passar por seu!

lastimavel perda, que soffreram os nossos tesouros literarios e artisticos, com a transferencia, para a capital brasileira, das preciosidades bibliograficas e de outra natureza accumuladas em Portugal pelo douto abade de Sever.

A paginas 106 do tomo II e sob o numero 595 vem descripto o retrato do infante D. Antonio, filho de D. Pedro II e de D. Maria Sophia de Neuburgo, sua segunda mulher. E' gravado por G. F. L. Debrie, conforme a pintura de Ranc, tem por baixo o seguinte epigramma:

Nos primôres da harmonia
Sois principe tão ciente
Como em mandar eminente,
Os brutos com galhardia.
Hua e outra Arte á Porfia
Culto vos renda immortaes
Pois ás luses que lhe daes
(Desse (1) ao vosso engenho a palma)
Os instrumentos tem alma
Os brutos são racionaes.

Por esta decima se vê que D. Antonio, além de galhardo cavalleiro, destro na equitação, era tambem um musico notavel.

Sob o numero 599 vem descripto outro retrato do mesmo principe, gravado por Olivarius Cor, segundo um desenho de Francisco Vieira Lusitano. Traz o seguinte epigramma latino, em que se aprecia unicamente a sua pericia, na arte da caça e na de cavalgar:

Quam sternit praeceps agiles tua dextera cervos!
Quam celer hirsutos cuspide figit apros!
Ocyus haud montes quatunt fera fulmina Princeps,
Immanes caedunt quam tua tela feras.
Dextera, quae saevis tot torquet fulmina brutis,
Non nisi supremi creditur esse Jovis.

Na obra de Manuel de Asevedo Fortes, *Logica racional*, imprensa em Lisboa, na officina de José Antonio Plates, no anno de 1744, encontra-se um retrato, que corresponde exatamente ao descripto sob o numero 599, notando-se apenas algumas variantes. Assim a subscripção do desenhador é feita por esta forma:

Eques Vieira Lusitano deliniavit.

Na peanha, sobre que pousa o retrato, ha

(1) Em vez de *désse*.

o seguinte distico a um e outro lado do braço d'armas do infante:

«Quislibri titulus, qucenã est doctrina, quis index?

Principis effigies, inspicie, cuncta dabit.»

O epigramma latino não apparece n'este exemplar, pois foi arteficialmente adicionado, por Barbosa Machado á similhança do que fez em muitos outros retratos.

Innocencio da Silva possuia este retrato na sua collecção, sem lhe indicar porém a procedencia, quando é certo, que ao descrever a obra de Azevedo Fortes, declara que vem adornada de um retrato. O autôr do *Catalogo* da collecção existente na Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, não allude á obra de Fortes, parecendo portanto ignorar estas circumstancias.

Haveria acaso mais de um estudo da estampa delineada por Francisco Vieira e gravada por Olivarius Cór?

A *Logica Racional* foi offerecida pelo seu autôr a D. Antonio, e na dedicatória lhe faz os mais subidos elogios. Transcreverei um trecho, em que se mostra que o infante era dotado de alta illustração, manejando com facilidade diversos idiomas da Europa e dedicando-se ao estudo das sciencias. Era dotado de boa figura e de grande robustez phisica, o que o predispunha excellentemente para os exercicios da caça e da gineta. Eis a alludida passagem, em que o mestre, confundindo-se com o cortesão, faz a apologia do discipulo:

«O Supremo Author da natureza, que formou em V. A. huma alma tão bella, e com dotes tão raros, quiz, que os do corpo lhe fossem de algum modo proporcionados, na galharda estatura, na Magestosa presença, e na grande agilidade de todos os seus movimentos.

Assim vemos em V. A. exercitadas todas aquellas boas Artes, que são dignas de hum Principe: a Equestre, a Venatoria, a Musica, e alguns de seus instrumentos, sobio V. A. ao seu maior auge. As principaes linguas da Europa lhe são tão familiares, como a materna.»

Ha ainda outro retrato que falta na collecção Barbosa Machado, e que vem citado no *Diccionario* de Innocencio (vol. VII, pag. 100). Adorna a obra de Pedro Norberto d'Aucourt e Padilha, *Memorias historicas... observadas de Paris a Lisboa*, impressas nesta ultima cidade em 1746 e offerecidas ao mesmo infante. A estampa é desenhada e gravada

por Olivarius Cór, que certamente se aproveitou do desenho de Vieira Lusitano. Nesta porém apparecem ornatos diferentes, emblemas de artes e sciencias, instrumentos de musica, etc.

Tanto desta gravura, como das anteriores, Innocencio dá umas dimensões, que diferem dos exemplares que tenho presentes. A da obra de Azevedo Fortes tem vinte e quatro centimetros de altura e a outra dezaseis, e não quatorze e dez, como diz, talvez por erro typographico, o autor do *Diccionario*.

Da Dedicatória das *Memorias historicas* fazem-se realçar novas prendas, além das já attribuidas a D. Antonio, galante na arte de dançar, e bom apreciador de livros, de que formou excelente colecção, tanto impressos como manuscriptos. Dou em seguida o trecho apologetico:

«Bem conhecerá estaverdade quem reparar o como V. A. imita aquella nobilissima nação (França), na afabilidade com que recebe aos que chegam á sua real presença, e na pureza com que fala o seu idioma, entre os mais com que V. A. sabe reproduzir-se: as artes liberaes, que com maior perfeição se praticam na grande cidade de Paris, são as que brilham com mayor singularidade em V. A. Na de dançar, e jogar as armas, que são as que põem o corpo em huma perfeita e necessaria agilidade, só os professores d'ellas podem dizer o quanto V. A. he excellente; quem não sabe o alto ponto a que V. A. tem elevado a insigne Arte de mandar os cavallos, adiantando com as suas observações, os preceitos dos melhores mestres que venerou Europa, e desempenhando a doutissima approvação do politico Saavedra?

«Quem não sabe a particular destreza com que V. A. se occupa no exercicio da cassa, de sorte que attendendo-se á generosidade do seu real animo, mais a pratica como nobre ensaio da guerra, que como divertimento ou recreação.

«Bem desejava eu poder falar d'aquellas sciencias, em que V. A. he consumado, que não pertencem ao corpo, se não ao Espirito qual he a suavissima arte da musica, e a da mathematica com todas as suas especies, em que V. A. tem feito tão admiraveis progressos, que ao mesmo tempo que illustra, parece que escurece a vastissima erudição de seu grande mestre Manuel de Azevedo Fortes.

«Applicou-se V. A. ao estudo da Historia, e não se contentou com saber a da sua Patria, entrou pelas dos Reynos estranhos, ajuntando a sua real curiosidade em breve tempo huma numerosa livraria, não só de impressos, mas ainda de manuscriptos, porque a sua real

compreensão não se podia contentar com hume só profissão.»

O amor pela musica era propensão natural na descendencia de D. Pedro II, como se verificará no que vou referir ácerca da sua filha primogenita, que durante alguns annos foi considerada herdeira do throno. As tradições artisticas da casa de Bragança não se desmentiam, confirmavam-se.

Do escandaloso consorcio de D. Pedro II, então Principe Regente, com sua cunhada, D. Maria Francisca Isabel de Saboya, brotou um unico fructo, a infanta D. Isabel, de que ha tambem diversos retratos na collecção supramencionada. Era formosa, tão bella de corpo como de espirito. O seu biographo, apesar de panegyrista, não exagerou talvez o quadro das suas perfeições phisicas e moraes. Ao especialisar os dotes que tão efficaçmente a enobreciam, Pedro Norberto d'Aucourt e Padilha apenas menciona um ligeiro senão, o sêr um pouco alta de pescoço, mas este pequeno defeito não compromettia de modo algum a sua gentileza e elegancia.

Noiva de seu primo o duque de Saboya, prestes quasi a consumir-se o enlace matrimonial, o casamento desfez-se, depois de ter regressado da Italia a esquadra que inutilmente fôra buscar o noivo. Os motivos deste inesperado desfecho não se conhecem bem, parecendo que o prometido esposo, se mostrára esquivo á ultima hora, simulando até agravamento de doença. Em seguida a este facto, desfeito o sonho nupcial, D. Isabel foi o juguete da politica, que lhe chegou a propôr dezasete consortes, segundo a estatistica do sr. Luis Farges no seu estudo publicado em Paris em 1907, sob o titulo — *L'infante Isabelle de Portugal et ses dix sept prétendants*.

A princesa, como na moral hebraica, parece que expiava a culpa de seus paes. No esplendor da mocidade, foi atacada pela variola e para evitar os seus funestos estragos temendo se que lhe ficassem vestigios que empanassem o sol da sua formosura, usaram-se meios therapeuticos, que lhe prejudicaram gravemente a saude. A consumpção não tardou, e o tumulto encerrou aquella estiolada rosa de Malherbe, que tantas esperanças acalentaram, que tantas desilusões abateram.

Aucourt e Padilha escreveu as suas *Memorias*, impressas em Lisboa em 1748 e adornadas com o seu retrato, o qual tem esta subscripção do artista que o executou: *G. F. L. Debrie deliniator et Sculptor Regius Portug. inv. et. fec. 1749*. Vem descripto sob o n.º 550 no catalogo da collecção Barbosa Machado.

Tratando da primorosa educação que re-

cebera D. Isabel, diz o seu biographo, relativamente á musica:

«Soube com destresa a arte da musica, tocava cravo com sciencia, e representava com summa bizzarria.»

D. Isabel falava correctamente as linguas hespanhola, italiana e franceza, dançava com summa elegancia e era muito habil na calligraphia.

E' para sentir que Padilha não registasse os nomes dos diversos professores, que lhe ensinaram as disciplinas, em que revelou a sua agilidade e engenho.

Na mesma obra lê-se a pag. 156 um periodo, que, apesar de curto, é muito interessante para a historia da musica italiana em Portugal. Diz assim:

«Chegou no entanto a comitiva do duque de Saboya a Lisboa, e foy esta occasião a primeira que se ouviu em Lisboa musica Italiana, devendo então tanto escarneo como hoje apreço.»

A chegada da comitiva realisou-se no anno de 1682.

SOUSA VITERBO.



Pelo Estrangeiro

Ainda uma outra interessantissima carta com que o nosso prezado director quer deliciar os leitores da *Arte Musical*. Se não fosse a falta que elle cá nos faz, quasi desejariamos se demorasse por lá mais tempo, com a condição de continuar a correspondencia...

Meu bom amigo

Tendo já deixado ha dias a soberba capital do Reino Unido, assalta-me aquelle vago e especial remorso que nos faz recordar com amargura os momentos de mau humôr que não soubemos reprimir junto dos entes queridos que para sempre desapareceram. Sim, não sei se fui injusto para com esse grande povo, que me pareceu tão admiravel pela largueza da sua civilisação, como, e principalmente, pela sabia e criteriosa orientação de todos os seus actos sociaes e civicos.

Se o fui, é ainda tempo de penitenciar-me. Porque um paiz onde a arte se guinda tão alto, que todos os grandes homens da musica ali vão receber o seu baptismo, não pôde deixar de ser um grande paiz, mesmo sob



BUSONI

este aspecto, porventura o menos brilhante, da sua actividade intellectual.

Que me importa se entre os verdadeiros amadores d'arte se alastra uma multidão de *snobs*? Para mim, o snobismo que paga é uma das boas alavancas da arte, e quantas vezes penso se não será talvez a falta d'esse ele-

mento incitador que estiola, na nossa querida e infeliz terra, a mór parte, se não a totalidade, das melhores tentativas d'arte...

Deixemos ahi essa duvida amarga e vamos vêr quaes a impressões dos ultimos concertos londrinos. Do quarteto da *Classical Concert Society* tenho eu as melhores, tanto pela cuidadosa interpretação do programma, como pela sua composição, quanto possivel elevada e seria. Nada de cantorias, nada de aperitivos, mais ou menos apimentados: apenas tres quartetos de corda, o de Brahms, op. 51/II, o de Beethoven, op. 130, e um de Haydn em fá maior, que pela primeira vez vi classificado com um numero de opera (74/II). Os artistas executantes, a que de resto já me referi em carta anterior, foram Karl Klunger, Joseph Rywkind, Fridolin Klunger e Arthur Williams. No seu programma, porventura demasiado severo, mas interessante ao mais alto ponto, brilhou como perola de primeira grandeza a obra de Beethoven, escripta dois annos antes de morrer. Com os recursos relativamente limitados do *quatuor*, não é facil que outro compositor possa alguma vez levar tão longe a variedade dos effei-

tos e o brilho da polichromia: uma pura maravilha!

Para seguir a ordem chronologica das audições, vou-lhe falar da *Philharmonic Society*, a cujo primeiro concerto n'esta epoca tive occasião d'assistir. A orchestra era a de Wood, que nos deu, entre outras obras, a *Septima* de Beethoven, com uma

interpretação por signal um tanto secca e angulosa; mas o *clou* do concerto era o Kubelik, sobre cujos talentos não vale a pena insistir, por já demasiado conhecidos.

Esta Sociedade Philharmonica conta a bagatela de 97 annos d'existencia, tendo tido muito tempo como director d'orchestra duas notabilidades da musica ingleza, Arthur Sullivan e Frederico Cowen. Os seus concertos são sempre solemnidades em que se passam em revista a melhor musica e os melhores

musicos; são patrocinados pelos reis d'Inglaterra e concorre a elles a fina flôr dos amadores londrinos. O folheto que se distribue como programma thematico tem umas 40 paginas de 8.º grande e vem recheado d'indicações interessantes.

Na Sala Bechstein ouvi ainda o Busoni, um dos poucos pianistas de grande nomeada, que ainda não foram a Lisboa. Constava o programma de quatro sonatas, duas de Chopin, uma de Beethoven (op. 109) e a de Liszt que já ouvimos em Lisboa, por Amelia Costa, Raymundo Macedo e Vianna da Motta. N'esse opulento pro-



I. PHILIPP



A. GELOS

gramma podiam bem apreciar-se as qualidades, verdadeiramente excepçionaes, do grande pianista italiano. Mas que lhe direi, meu amigo? Ou o Busoni ou eu, não estávamos nos nossos dias mais felizes.

Porque para ouvir requer-se também uma contensão d'espírito, uma subjectividade especial, de que nem sempre dispomos quando se mergulha, de cabeça, n'este *mare magnum* da grande musica. E para ouvir quatro sonatas de seguida, sem cigarro durante cerca de tres horas, e sem mesmo respirar de andamento para andamento (*signor* Busoni enfia os andamentos uns nos outros, como pinhões), ha mister de particulares condições de temperamento e de paciência que nem sempre encontro na bagagem, aliás volumosa, das minhas virtudes.

Não me deterei nas apreciações de um *recital* da violinista Henriette Schmidt, que apesar da collaboração de uma bôa pianista, Miss Evelyn Suart, não conseguiu interessar-me muito, ou porque o programma não fosse de veras tentador, ou porque as artistas não passassem de uma honesta craveira, talvez mesquinha para as exigencias do momento.

Atravesemos pois a Mancha, fazendo votos para que a Providencia afaste de si, meu bom amigo, os horrores do *mal de mer...*

A primeira audição de que desejo dar-lhe conta, das muitas a que tenho assistido em Paris, é a das *Soirées d'Art* (Concerts-Barrau) em 21 de novembro na Sala dos Agricultores. Esta sala, situada nas proximidades da *gare Saint-Lazare* e portanto em um

dos bairros mais accessiveis da grande capital, contém 440 *fauteuils* na platéa e 180 em uma commoda galeria que a circunda.

E' decorada com bellos frescos, representando scenas agricolas, e apesar de não ter sido primitivamente destinada para sessões musicaes, presta-se admiravelmente para ellas, pela excellent acustica e pelo conforto da installação.

Foi uma verdadeira *soirée d'art* a de 21 do mez passado. Brilhou entre os solistas, uma pianista da escola de Philipp, Mademoiselle Cella Delavrancea, que me deu uma altissima ideia do ensino ministrado pelo illustre professor do Conservatorio de Paris, justamente considerado como uma das

glorias actuaes da pedagogia pianistica. O proprio Philipp acompanhou a sua brilhante discipula nas *Variações* de Beethoven-Saint-Saëns. Mas para mim o *clou* do programma estava nos *Quartetos* de Mozart e de Saint-Saëns, onde me era dado ouvir pela primeira vez o *Quatuor Geloso*, de que ouvira falar sem-

pre com louvôr.

Albert Geloso é um hespanhol educado em Paris, onde, sob a direcção de Massart, obteve primeiro premio do Conservatorio: hoje dirige elle proprio uma escola de violino, que é das mais reputadas de Paris. Os seus companheiros,

A. Bloch, P. Monteux e J. Tergis, são também mestres consagrados e longamente tre-nados na musica de camara. Assim, a sua execução dos dois bellos quartetos fez-me a melhor das impressões, tanto pela exacta definição dos respectivos estylos, como pelo meticuloso equilibrio dos valores sonoros.



GABRIEL PIERNE



FRANCIS TOUCHE — CARTAZ

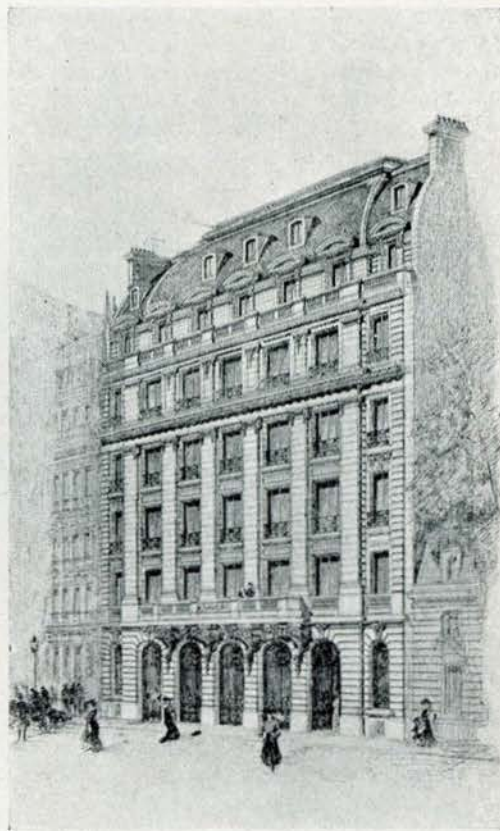
No dia seguinte tive Concerto Colonne, mas sem Colonne. Era Gabriel Pierné quem dirigia a bella orchestra do Chatelet, n'um programma em que rutilavam as mais bellas joias da musica symphonica. — *Quarta* de Beethoven, *Prelude à l'après midi d'un faune* de Debussy, *Le chasseur maudit* de C. Franck (divina cousa!), *Antar* de R. Korsakow e *Don Juan* de Strauss. Sem têr a bravura e a precisão d'Eduardo Colonne, Gabriel Pierné é um mestre da batuta e não me passaram despercebidas as qualidades d'expressão, de maleabilidade e de energia, com que tantas vezes realçou as melhores passagens d'aquellas admiraveis partituras. Como eu desejaria falar-lhe longamente d'essas cinco obras, e quanto haveria a dizer de qualquer d'ellas! Infelizmente as columnas da nossa *Arte* teem uns limites d'elasticidade, que se não podem exceder e devo contentar-me, tantas são as impressões recebidas, com uma simples allusão a cada uma d'ellas em estylo... telegraphico.



SALA DOS CONCERTOS «TOUCHE»

Os *Concerts-Touche* merecem, comtudo, uma referencia. Dirigidos por Francis Touche, o antigo chefe dos *Concerts Rouges*, teem por intuito, sob o ponto de vista artistico, vulgarisar a grande musica em audições

baratissimas. Effectuam-se em uma sala do *boulevard* de Strasburgo, ou antes em um seguimento de tres pequenas salas, das quaes a central é quasi toda occupada pelo orgão, pelo piano e pela orchestra. Esta ultima é



SALA GAVEAU — FACHADA

muito limitada em numero, apenas uns dezoito executantes, cujo director e violoncellista é o proprio Touche.

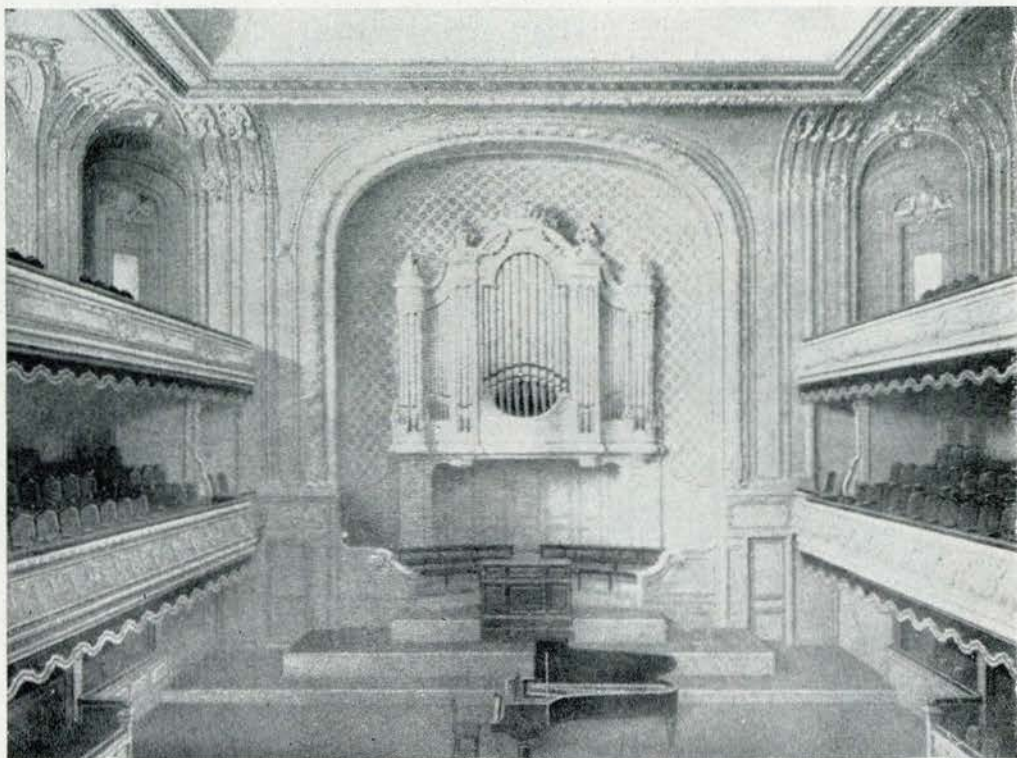
Ora isto de ser violoncellista e director d'orchestra ao mesmo tempo é uma complicação, sobretudo quando a orchestra se pretende guindar até ás grandes obras; e, n'este particular basta que lhe diga que desde setembro passado até janeiro proximo os *Concerts-Touche* annunciaram e estão realisando: um cyclo Back-Haydn (4 concertos), um cyclo Mozart (3 concertos), um cyclo Beethoven (10 concertos), um cyclo Schubert (2 concertos), um cyclo Mendelssohn (4 concertos), um cyclo Schumann (4 concertos) e um cyclo Berlioz (2 concertos). Para preencher as lacunas entre esses concertos, ha todas as outras noites audições symphonicas, *matinées* aos domingos, etc. — um verdadeiro delirio musical. Creio ser inutil fazer-lhe apre-

ciações sobre a perfeição artistica da orchestra Touche, pois é claro que a quantidade ha de primar forçosamente sobre a qualidade. Mas, dado que os preços são diminutissimos, desde 1 franco e 25 até 2,25 (com direito a uma *consommation*!), e dado que se ouve ali musica excellente, com desempenho ás vezes muito accetivel, comprehende-se sem esforço que as salas Touche estejam constantemente apinhadas, como as vi nos dois concertos classicos a que assisti. Cito-lhe o programma d'elles, para que julgue da escolha da musica.

por falta... d'espaco. Parece comtudo que nas novas installações, que o Conservatorio adquiriu, e para onde se transferirá mais tarde, se reservou largo logar para a collecção dos instrumentos.

Como em Londres, fiz photographar os cistros, e espero que esses documentos me possam servir de algum proveito no estudo monographico da guitarra portugueza, ao qual muito desejaria poder juntar algum elemento novo. Mas isso é assumpto para mais vagar; tel-o-hei em Lisboa?

Nada lhe disse ainda da Sala Gaveau, hoje



SALA GAVEAU — ESTRADO

BEETHOVEN — (Ultimo concerto do cyclo) *Symphonia pastoral*, *Sonata a Kreutzer*, *Septuor e ouverture do Egmon*.

SCHUBERT — (Primeiro concerto do cyclo) — *Symphonia em dó menor*, *Quinteto das Trutas*, *Lieder e Overture de Rosamonde*.

Abro agora um parenthesis para notar a visita feita ao Conservatorio e particularmente ao pequeno mas bem escolhido museu instrumental, que está installado em uma das dependencias. São excessivamente exiguas as duas salas, que lhe estão affectas, e fez-me pena vêr que muitas das boas peças que lá vi em 1903, quando pela ultima vez estive em Paris, estão agora arrecadadas no *grenier*,

considerada como a unica verdadeira sala para concertos, que existe em Paris. O vasto e elegante salão da rua La Boétie, decorado no estylo Luiz XIV, com os seus *fauteuils* de veludo *vieil or* e com as suas lampadas electricas occultas, fez-me a melhor das impressões. Apesar de ser bastante vasta para conter 1066 logares, na plateia e nos dois balcões que a circumdam, dá-nos desde logo, ao entrar, uma ideia de sobriedade distincta e de um conforto, que não é muito vulgar encontrar-se em salas d'esta natureza; um local assim vem juntar, a meu vêr, mais um *raffinement* d'arte, ao prazer d'ouvir boa musica.

Ao topo da sala ergue-se um majestoso Cavaille-Coll. de 36 jogos e 3 teclados manuaes, e no estrado ha logar para uma orchestra de 80 musicos e para um côro de 70 vozes.

E' ahi que hoje se effectuam, como o meu amigo sabe, os *Concertos Lamoureux*, todos os domingos d'inverno, mas a primeira sessão a que assisti na sala Gaveau, foi a da *Nouvelle Société Philharmonique* Concerto enorme, em que se accumularam nada menos de quatro peças de conjuncto, com instrumentos de corda e de sôpro e oito peças de canto.

O cantôr, um allemão de nome Felix Sênus, está aqui em plena voga e merece-a com effeito, porque diz os *lieder* alle mãos na perfeição; tem uma voz de tenor, talvez um tanto *piegas*, mas compensa esse pequeno senão com uma dicção muito intelligente e com uma sinceridade d'interpretação nada vulgar.

Da parte instrumental incumbiu-se um novo grupo artistico, que tomou o nome de *Decem*, do numero dos seus executantes. Tocaram satisfactoriamente um *Octeto* de Schubert, duas *Aubades* de Lalo, o *Quinteto*, op. 1, de Chevillard, em que o proprio auctor esteve ao piano (por signal que muito distinctamente) e o *Sexteto* de Thuille que a nossa *Sociedade de Musica de Camara* ahi fez conhecer ha oito annos.

No numero dos regalos artisticos que aqui tenho disfrutado, não posso dei-



A HARPA-CRAVO

xar de contar uma audição particular que devo á gentileza do meu illustre amigo Gustave Lyon, chefe e proprietario da casa Pleyel. Tratava-se de experimentar varias peças para quatro harpas chromaticas, na presença de alguns artistas e compositores. O local escolhido para a audição era já de si extremamente suggestivo: ao fundo dois pianos, um em que Chopin trabalhou nos dois ultimos annos da sua vida, e outro que esteve ao serviço de César Franck durante um largo periodo de tempo. Em volta da sala destacam-se bustos d'artistas, retratos e uma collecção riquissima de autographos musicaes e epistolares de Mozart, Chopin, Beethoven e outros grandes luminaires da musica.

Apoz alguns minutos de *cavaco* com Alexandre Georges, o laureado auctor das *Ghansons de Miarka*, com Salmon, violoncelista da *Trompette*, com o famoso pianista Nierhofheim e com poucos mais artistas, deu-se principio á audição, em que quatro primeiros premios do Conservatorio nos mostraram o immenso partido que se pôde tirar do invento engenhosissimo de Gustave Lyon e os effeitos novos que com a suppressão dos

pedaes se podem obter. As peças d'exame foram a *Suite* do *Casse-Noisette* de Tschaikowsky, uma *Danse Chinoise* que julgo ser de Saint-Quentin e a *Danse d'Anitra* de Grieg, entre outras obras. Não se imagina o effeito



A «OPERA» DE PARIS

inesperado e summamente bello que faz esta *Danse d'Anitra* nas quatro harpas!

Tivemos ainda uma audição da Harpa-Cravo, outro invento do sympathico Lyon, que eu ainda não havia podido apreciar. Imaginou-a elle ha apenas um anno e deu-lhe o nome de *Harpe-Luth à sonorité de Clavecin*, fazendo-a assentar nos mesmos principios da harpa-chromatica, mas reduzindo-lhe a dimensão e montando-a em cordas metallicas. O effeito é encantador e novo, e apesar da semelhança de timbre com o do cravo, não tem como este, a seccura que lhe vem do modo por que a corda é posta em vibração, com uma penna ou com um martello forrado de pelle. Estou convencido que a *harpa-cravo* ha de fazer carreira: é uma



LOUISE GRANDJEAN

verdadeira *trouvaille* para o compositor moderno de musica symphonica, que anda sempre á busca de novos timbres e de novos effeitos.

Não perdi a occasião de ouvir na Opera o *Crepusculo dos Deuses*, a chave de ouro da famosa tetralogia, que, assim o espero, será apreciada este anno no nosso lyrico com mais algum interesse que o que lograram despertar, entre nós, os *Mestres* e o *Tristão*. Receio, contudo, um pouco pela paciencia dos nossos amadores: a peça começou aqui ás 7 1/2 e o primeiro acto leva uma hora e quarenta minutos a cantar! Confesso-lhe mesmo que para mim, que ainda não conheço sufficientemente a obra, foi este primeiro acto um tanto pesado; mas affianço-lhe que o segundo e terceiro se me affigura-



VAN DYCK



DELMAS

ram desde logo uma pura maravilha! Que elevação d'ideia e que riqueza de polyphonia! Que vasto horisonte d'arte se abre, com esta divina peroração do *Annel*, a todo o espirito



JEANNE HATTO

que não esteja obcecado pelo *parti-pris* e pela rotina!

Infelizmente, na nossa terra, o frequentador do lyrico não pôde ouvir falar em Wagner, sem que lhe corra um arrepio pela espinha. Não direi que a execução do *Crepusculo* fosse um primor. A'parte Louise Grandjean, que me pareceu uma ideal *Brunnhilde*, devo dizer, em honra da verdade, que o tenor Van Dick (*Siegfried*), considerado aqui como o primeiro tenor francez para ao operas de Wagner, se me affigurou, com a sua voz absolutamente *etranglee* a partir do *mi*, uma veneravel ruina, a pedir peanha e rodoma. De Delmas (*Hagen*) já conhecemos as virtudes e os defeitos e quanto ás partes menos importantes, nada ouvi que verdadeiramente me emocionasse, como interpretação.

Guardo optima lembrança do concerto da orchestra Chevillard, em 29 do mez passado, mas devo dizer que o programma me pareceu um tanto escasso, não só de novidades como mesmo de grandes obras symphonicas.

A *Symphonie inachevée* de Schubert, que é aliás um puro *chef-d'œuvre*, e o *Venusberg*, que faz parte do repertorio tradicional d'esta orchestra, foram as obras mais importantes

do programma. Cantou tambem Felix Sénius, em russo e em italiano, sendo muito victoriado — e Mad.^{elle} Jane Hatto, da Opera, com a sua linda voz e com todo o seu talento, collaborou na execução d'uma *loucura* de G. Samazenilh, que se chama *Le sommeil de Canope*, em que a voz e cada um dos instrumentos da orchestra passam o melhor de dez minutos a fazer as cabriolas mais disparatadas, que é possivel imaginar. Musica *arte nova*, e da mais avançada, que o publico recompensou com sorrisos, *schuts* e... assobios.

Apezar de não estarmos na verdadeira *saison*, são tantos os concertos, que nem sempre tenho podido assistir aos melhores. Os da *Societé J. S. Bach* contam entre os mais serios e mais conscienciosamente organisados, mas dos seis da assignatura perdi o primeiro (*Paixão de S. João*), por compromissos a que não podia eximir-me, e só pude assistir ao ensaio geral do segundo. Transcrevo lhe o programma, que é interessante: — *Triplo Concerto* para piano, flauta e violino, Cantata «*Ich armer Mensch*» para te-



A. PARENT

nor (George Walter, allemão), *Sonata* para duas flautas com baixo cifrado, *Cantos espirituaes* (pelo mesmo cantor) e 2.^o *concerto de Brandeburgo*.

A orchestra, que Gustave Bret dirige superiormente, tem uma convicção e um tão profundo conhecimento do genero, que se torna um verdadeiro prazer ouvir a, e o admiravel concerto brandeburguez, que com os seus cinco companheiros, constitue um dos impereciveis monumentos da historia da musica, encontrou, n'esta excellente orchestra, interpretes perfeitamente á altura da obra.

Como trabalho de grande arte, desejo apontar-lhe tambem o magnifico cyclo Cezar Franck, organizado pelo conhecido *Quatuor Parent* com o concurso da pianista Marthe Dron e do organista Joseph Boulois, ambos artistas de alto merito. Consta o cyclo de quatro concertos, com a audição integral das obras de orgão, musica de camara e piano, que immortalisaram o grande artista belga.

Apenas se effectuaram por hora dois concertos, com os dois *Trios de jeunesse*, o celebre *Quinteto* e varias peças de orgão e de piano. Merece todos

os elogios o *Quatuor Parent*, não só por esta iniciativa de tão requintada arte, como pela interpretação, cheia de vivacidade e de encanto, e por vezes verdadeiramente emocionante, com que foram traduzidas as obras de conjunto que até agora pude ouvir.

Permitta-me, pois, meu querido amigo, que solicite um cantinho da nossa revista para o retrato de A. Parent, o illustre chefe d'este grupo, já que não posso mandar-lhe o dos seus collaboradores Loiseau, Brun e Fournier.

Como complemento d'esta noticia, devo ainda dizer-lhe que os concertos Franck se realisam na *Schola Cantorum*, estabelecimento de educação artistica, presidida por Vincent d'Indy, e onde trabalhou durante muitos annos o nosso distinctissimo compatriota, Francisco de Lacerda, agora ausente de Paris.

A sala é das menos confortaveis que tenho visto; é uma velha capella, illuminada a gaz, e com uma grosseira galeria de madeira, e guarnecem-n'a cadeiras e bancos não menos ordinarios. O unico luxo está no orgão, que é um primoroso Cavaillé Coll e no piano de Pleyel, igualmente excellente.

Com o seu aspecto archaico e severo, deve esta sala prestar-se optimamente para a audição dos velhos coraes, em que os alumnos da *Schola* serão com certeza eximios. Dada porém a musica que ali foi ouvida, musica de grande elevação e seriedade, mas adornada com todos os atavios da factura moderna, não pude esquivar-me a um sentimento de estranheza, quasi repulsão, como se me hou-

vessem oferecido do mais fino Porto n'um tosco vaso de barro...

No capitulo «Musica de Camara», devo dar um grande logar d'honra ao *Quatuor Capet*, cujo cyclo de seis concertos, consagrados á execução integral dos quartetos de Beethoven,



O QUATUOR CAPET

está causando sensação entre os amadores parisienses. Coube-me em sorte a segunda audição, com as *operas* 18, 74 e 135, tres das mais bellas joias do escritorio, tão rico, do immortal compositor.

Capet e os seus *partenaires* podem considerar-se verdadeiros evangelistas da grande arte; foi pelo menos essa a impressão que senti, ao ouvir-os detalhar, com respeitoso amor e com a mais completa abnegação individual, as incomparaveis bellezas d'essas tres obras. Ha muito tempo que não ouço uma execução tão delicada, tão poetica e tão bem fundida, da obra de Beethoven!

Como novidades de musica de camara, recordo-me dos quartetos de Chausson e Borodine (pelo *Quatuor Willaume*) na ultima das *Soirées d'Art* a que assisti. Levou-me lá principalmente o de Chausson, compositor de quem a arte franceza parece que

esperava muito, mas que morreu muito novo, ha annos, de um accidente de *bicyclette*. Tinha a peça por ultra-avanzada, quasi incomprehensivel, e armei-me de toda a minha paciencia para afrontar o ataque. Como succede, sempre que estamos mal prevenidos, achei optimo o quarteto e gostaria immenso que elle se tocasse em Lisboa; é peça admiravelmente equilibrada, com genuinos rasgos d'inspiração e de factura muito original.

Ao contrario do que ha dias me dizia o velho Pougin, eu creio firmemente nos dotes de musicalidade e de instincto que caracterizam o musico francez, e quando houvesse de contestar-lhe certas tendencias melodicar, com que nós outros, meridionaes, nos costumamos contentar, bastaria a extrema pureza da fórmula, a graciidade do estylo e a clareza e propriedade da linguagem musical na mór parte das creações dos grandes mestres francezes, para me enfileirar com enthusiasmo entre os grandes admiradores da sua escola.

Já que abri outro parenthesis na lista dos concertos, archivo a visita feita a M. Cesbron, intelligente amador de violeta e viola d'amôr, cuja bella collecção d'instrumentos de todas as epocas e de todas as proveniencias, contém alguns especimens de consideravel valôr historico. As *musettes*, o *archi-aláude*, o *clavicordio*, o *cravo*, as duas *violas d'amôr* e a collecção das *flautas doces*, entre as quaes uma grande flauta (contrabaixo), de que não vi outro exemplar senão em Bruxellas e mesmo esse, creio eu, apocripho, são peças que fariam optima figura em qualquer grande museu publico. De resto, a collecção Cesbron comporta mais de 300 instrumentos, na sua grande maioria authenticos e raros, distinguindo-se por uma importante particularidade, sempre descurada nas outras collecções que tenho visitado: — *Todos* os instrumentos estão devidamente montados e promptos a servir, o que significa, da parte do colleccionador, um trabalho e paciencia que só pela experiencia propria se podem avaliar.

Foi-me proveitosa lição esta visita, como lições são tambem as *cavaqueiras* artisticas e os ensaios d'orchestra e outros, a que, graças á immerecida cordialidade de alguns antigos amigos d'aqui, me tem sido dado assistir com relativa frequencia. E que manancia de *chronicas* isso dava para quem soubesse manejar a penna!

Infelizmente, não só por isso, como pela estreiteza do espaço, de que já estou abusando descabelladamente, tenho de limitar-me ás grandes impressões, ás linhas primarias d'este meu passeio d'arte.

Não posso todavia deixar de falar-lhe do

ultimo Concerto Colonne, a 6 d'este mez. Será o ultimo assumpto.

No programma figuravam, como obras d'orchestra, a *Pastoral* de Beethoven, tres *Nocturnos* de Debussy e a cavalgada das *Walkirias*. Os solistas foram Jacques Thibaud, com um *Concerto* de Lalo e um *Morceau de Concert* de Saint-Saëns e a cantora Laute-Brun, da Opera, com dois *Poemas* de Louis Brisset; programma, como se vê, opulento e recheiado de novidades. Primaram entre estas os nocturnos de Debussy, curioso tryptico, cujos *panneaux*, apesar da diversidade do assumpto, se aproximam e ligam pela indecisão das tonalidades, por affinidades de rythmo e pela identidade de processos harmonicos. São muito estranhos os tres numeros e extremamente bellos os dois primeiros; *Nuages*, com todas as cordas divididas e em surdina, dá nos uma impressão de fluidez e de discreção absolutamente encantadora; *Fetes*, cuja harmonia se baseia n'uma escala de character archaico, é cheio de alegria, na estridencia dos metaes e no embate original dos outros timbres — uma verdadeira festa de sonoridades e de côres. Quanto á ultima, *Sirènes*, em que o auctor imaginou usar da voz feminina como um novo timbre orchestral, confesso que a não percebi; julgo mesmo que com taes successões de quintas e de segundas, com tal rebuscamento de dissonancias de toda a natureza e com taes exageros de colorido, não será facil encontrar ouvintes que sinceramente e sem snobismo a saboreiem.

Mas vejo agora que tenho de pôr ponto á palestra, limitando-me a dizer-lhe que o Thibaud, cujas grandes qualidades d'artista muito teem melhorado e afinado de ha oito annos para cá, teve aqui, n'este concerto, um verdadeiro e merecidissimo triumpho. De Colonne não lhe falo; apesar dos cabellos brancos, tem o espirito e o talento eternamente jovens.

Sélo esta já tão longa carta com um grande abraço para si e para os bons amigos de Lisboa, e devotadamente me repito

Paris, 8 de dezembro

Seu admirador e amigo

LAMBERTINI.





Foi-nos completamente impossível ouvir a soprano sr.^a Fely Dereyne nas duas primeiras noites em que cantou, mas os elogios que lhe ouvimos tecer, os réclamos que liamos eram de tal ordem, que na segunda noite de *Mignon* lá estávamos no nosso lugar para a apreciarmos e ajuntar os nossos aos aplausos de toda a assistência. Fomos porém muito infelizes. Embora a artista uma ou outra vez se tornasse digna de elogio, na maior parte da noite a sua garganta mostrou-se rebelde á afinação. Como era manifesta uma falta de sonoridade nas notas dos registos medio e grave, é possível que empregasse esforço para cantar e isso explicaria o facto. Não deixamos porém de admirar na sr.^a Dereyne magníficos e excepçoes elementos para poder ser uma cantora de primeira ordem, se soubesse conservar a voz, que é de belo timbre e com uma escala, de extensão superior a duas oitavas.

A natureza foi prodiga com a sr.^a Dereyne e o estudo das artes de canto e dramatica desbravaram-lhe o terreno, que ella podia percorrer colhendo louros e flôres.

No dia 8 foi pela primeira vez cantado em S. Carlos *Le Chemineau*, drama lirico em 4 actos, que o proprio Jean Richepin extraiu do seu poema com o mesmo titulo, expurgando-o de inutilidades e consubstanciando tudo quanto havia de essencial para dar vida natural e intensiva a um libréto, capaz de inspirar a alma sensível e a indole romantica do professor Xavier Leroux, que escreveu a musica.

Para que a nova partitura tivesse em S. Carlos um superior desempenho, a empresa Anahory conseguiu que Leroux viesse ensaiar, dirigir a orquestra e pôr o drama em scena, sendo por sua indicação escripturado o baritono Bourbon para se encarregar da parte do protagonista.

Xavier Leroux foi dilecto discipulo de Massenet. Terminou em 1885 a sua educação musical no Conservatorio de Paris, donde saiu laureado com o premio de Roma, a maior distincção a que podia aspirar, e para onde entrou depois como professor.

Dedicando-se á composição do drama lirico, conhecemos d'elle a *Évangeline*, *Astartée* e *Théodore*. Mas tem mais algumas produc-

ções. Filiado na escola moderna, sem imitações servis ou dissonantes pretenções reformistas, apresentou como programma; «o exprimir a natureza, a vida e em essencial a alma humana, nas suas alegrias e dôres, adoptando uma linguagem musical infinitamente docil, colorida e intimamente ligada ao poema.»

Leroux, de uma honestidade musical inconcussa, sem artificios para promover aplausos, mas tambem sem constrangimento na expressão do seu modo de sentir, tem no *Chemineau* um trabalho em que ha novidade, clareza e muita originalidade. Sem as orrojadas e intrincadas combinações harmonicas de que outros compositôres teem lançado mão para crear personalidade, a partitura do *Chemineau* não é ainda assim de todo isenta de uns processos modernos que vão constituindo escola. Influenciada pelo poema, onde a nota triste do sentimento é constantemente ferida, a começar na ultima e patética scena do primeiro acto, e a que nem os episodios do terceiro e quarto conseguem dar um derivativo desopressor, a melodia assenta sobre uma combinação de successivos acordes em modo menor, de movimento lento e notas sustentadas, que acabrunham, enervam e impressionam lugubrememente. O caracter dolente do poema torna-se assim musicalmente mais intensivo.

No decorrer do drama lirico ha situações em que umas vezes a sciencia musical de Leroux e a consciente concepção das fortes emoções crearam efeitos de instrumentação de extraordinario vigor; outras em que a simplicidade campesina, a côr local são descriptas com melodias vulgares, magistralmente trabalhadas, como succede na apresentação de alguns motivos populares, habilmente engastados e desenvolvidos em apropriadas ocasiões.

Como trechos sinfonicos descriptivos são paginas de subido valôr as dos preludios do terceiro e quarto actos.

Eis as agradaveis impressões que nos deixou a primeira audição da partitura do *Chemineau*.

O desempenho não podia ser melhor. A aldean Toinette encontrou na sr.^a Demellier uma interprete muito conscienciosa como actriz, sabendo dizer e ouvir, e uma cantora de sentimento.

A personagem simbolica do Caminheiro teve como inexcédível interprete o baritono Bourbon, cantor de voz extensa, forte, bem timbrada e melhor conduzida; primoroso comediante, que com as sua expressão fisonomica dá vida e realidade ao drama.

O baritono Viaud deu ao paralitico François um cunho de verdade que impressiona

e se torna digno de todo o applauso. Os restantes artistas, embora com responsabilidades menores, muito contribuíram para o bom conjunto do desempenho.

Ao mestre Leroux cabem as mais elogiosas referencias como director de orquestra. Batuta firme, insinuante, olhar expressivo, conseguiu extrair da reduzida orquestra uns efeitos de colorido e de sonoridade que este ano andavam perdidos. Este facto, dado logo no começo da exploração de S. Carlos pela nova empresa, deve demonstrar á evidencia a necessidade de escripturar um bom director de orquestra, do qual muitas vezes depende o superior exito de uma partitura e os entusiasmos dos *dilettanti* pela audição de algumas operas. E' uma despesa que traz largas compensações. A isto mais de uma vez aqui nos temos referido, assim como á aquisição dos professores, atendendo sempre mais á boa qualidade do que ao grande numero, ás vezes improductivo.

13 de dezembro.

ESTEVES LISBOA.



CARTAS A UMA SENHORA

123.^a

De Lisboa

Muito bem se recordará de uma illustre e benemerita representante do seu amavel sexo a quem alludi ha tempos, a sr.^a D. Emilia Patacho, que por signal chrismei desastradamente chamando-lhe Elisa.

Essa senhora, medica distincta e propagandista acerrima da causa bemdita das creanças, foi, como talvez já sabe, nomeada directora da Casa de Correção para as raparigas; e, na alluvião de despachos que ininterruptamente escorrem do ubere fecundo do Estado, e sob omnimodos aspectos vão enriquecer os povos, este é dos poucos, é dos raros que em consciencia representam o louvavel e salutar esculpulo de collocar *the right person in the right place*.

O dictado, como sabe, em logar de *person* diz *man*; mas tratando-se de uma *lady*, eu atrevi-me á ligeira alteração acima, não sem

que de antemão concorde que, mesmo como *lady*, esta senhora vale muitos *homens*, pelo saber e pelo poder, pelo coração e pelo espirito.

Assim, esse complexo e emmaranhado problema da morigeração social e da orthopedia moral dos menores de ambos os sexos que a phase ainda inferior de civilização e a coexistencia n'um mesmo meio deleterio de variadas taras individuaes e collectivas, constantemente arremessam, como vasa imensa, ás inconsciencias do destino e ás fatalidades do acaso, póde, entre nós, reputar-se em via de solução equitativa, graças ao providencial evento que trouxe até ao governo de cada uma das respectivas instituições as personalidades, por mais de um titulo queridas, de D. Emilia Patacho e do padre Antonio de Oliveira.

Tão poucas vezes nos é dado a nós portugueses d'estas ultimas decadas, applaudir os dirigentes officiaes n'aquillo que maquinam ou decretam, que quando inesperada e imprevisitamente um facto surge de natureza a merecer louvor, quasi duvidamos d'elle e de nós, e pomos algum tempo a convencermos da realidade.

Eis o que explica a circumstancia, de outra maneira inexplicavel, de não ter sido ainda o acto do executivo que collocou á frente da Casa de Correção de menores do sexo feminino a medica D. Emilia Patacho devidamente applaudido por todos, pois que á maioria, calculo eu, a julgar por mim, tem-lhe custado acreditar.

Felizmente, d'esta vez seremos forçados a rendermo-nos á evidencia, pelo que me palpa não deverem decorrer muitos mezes sem que todos assistamos aos primeiros e saudaveis effeitos da acção educativa d'aquella senhora na delicada magistratura que foi chamada a exercer — sem o pedir.

Quem a conhece, quem se lembra ainda — é de hontem — do magistral relatorio por ella lido n'uma das sessões do congresso pedagogico; e quem, revertendo mais atraz, recorda as palavras de justo apreço e de comovida admiração que a estudante laureada da Escola Medica de Lisboa arrancou então aos professores e aos condiscipulos que tiveram ensejo de ouvil-a, e de gosar do seu convívio attrahente e doce, bem sabe sobre que alicerces repousam as esperanças d'aquelles que como eu tudo fiam do seu valor.

Ao evocar os dias saudosos em que ia na qualidade de curioso escutar a palavra colorida e unica de Sousa Martins, o chorado Mestre e amigo de nós todos, um dos nomes que lá via citado com enternecida sympathia era precisamente o d'esta bondosa senhora, tão estremecida pelas prendas da

sua intelligencia arguta e clara como pelos dons da sua alma acariciante e compassiva...

De então para cá as faculdades do seu espirito e as virtudes do seu coração só teem ganho em riqueza e em vigor, acendrando-se, quintessenciando-se, e por aqui se verá o que ella será capaz de fazer e conseguir, desde que os Fados a ajudem e os ventos lhe soprem fagueiros.

Quanto ao padre Antonio de Oliveira, o melhor ou antes o supremo elogio que posso endereçar-lhe é assegurar-lhe, minha querida amiga, que elle, louvado Deus, pertence ao numero, infelizmente não muito avultado, d'aquelles padres piedosos, tolerantes, esclarecidos, que da crença só aspiram o perfume, e para quem por isso até os atheus confessos, e os livres pensadores impenitentes só teem palavras de respeito, de amor, de admiração.

E' que o padre Antonio de Oliveira, sendo a bondade personificada e a dedicação sem limites, é cumulativamente uma organização excepcional de pedagogo e de catechista, e a sua obra colossal e a certos respeitos unica, na Casa de Correccão de Caxias, colloca-o na primeira plana dos grandes educadores. Vendo o que elle tem realisado, trabalhando com o peor de todos os materiaes, a gente hesita sobre se deve consideral-o uma especie de santo que milagrosamente se escapasse de aladas paragens e até nós descesse para o fim de nos edificar com a lição da sua vida, se deve chamar-lhe um philosopho que da existencia houvesse haurido toda a experiencia que ella contém e da humanidade todas as aspirações que n'ella cachoam, e modestamente mas porfiadamente, com uma paciencia heroica e com uma generosidade e uma compaixão inexgotaveis, a si proprio se impozesse a cruzada augusta de regenerar, d'entre a nossa irmandade, aquella porção desgraçada e precita que arrasta pelo mundo as taras tremendas de toda uma serie de gerações, inconscientes por ignorantes, criminosas por ineducadas, odientas por perseguidas...

E d'este vasto mundo de inadaptados, de frustes, de corruptos, d'essas creaturas que a pathologia phisica e a pathologia moral miserandamente vincaram, ferreteando algumas para todo o sempre, o padre Oliveira esforce-se por extrahir seres norteados para o bem e para a virtude, salvos pelo trabalho e pelo ensino, refeitos emfim pela educação e pelo exemplo, repondo-os depois n'um meio intermato e livre.

Falhará umas vezes? enganar-se-ha outras? Que lhe importa se a sua confiança essa não falha, e se o seu esforço esse nem sequer descança?!

Por isso a ultima palavra será d'elle, e den-

tro em breve a Casa de Correccão de Caxias será porventura um estabelecimento notavel em todo o mundo e o melhor entre os melhores...

E aqui tem a minha boa amiga como dois exemplares d'eleição, saidos d'esta mesma gente nossa de que alvarmente tantos descreem, estão em vespas de nos demonstrar de que é susceptivel a iniciativa propria quando posta ao serviço de um entendimento alto, d'uma rasão culta, e d'uma bondade sã.

AFFONSO VARGAS.



Passou-nos despercebida a estada no Porto da illustre violoncellista M.^{me} Jeisler que no Orpheon d'aquella cidade deu dois concertos com os seguintes programmas:

Primeiro concerto

I

1. **Beethoven** — Sonata em *la* para violoncello e piano.

I *Allegro moderato*.

II *Scherzo*.

III *Adagio cantabile*. — *Allegro vivace*.

(M.^{me} Caponsacchi Jeisler e Sr. Moreira de Sá)

2. **Dvorak** — Concerto para violoncello.

I *Allegro*.

II *Adagio*.

III *Final*.

II

3. **Beethoven** — Variações sobre um thema da *Flauta Magica* de Mozart, para violoncello e piano.

4. **Locatelli** — Sonata concertante.

I *Allegro*.

II *Adagio*.

III *Minuete variado*.

(Ao piano o Sr. JEISLER)

Segundo concerto

I

1. **Schubert** — Trio em *si bemol* para piano, violoncello e violino.

I *Allegro moderato*.

II *Andante*.

III *Scherzo*.

IV *Rondó*.

D. Leonilda Moreira de Sá, M.^{me} Caponsacchi-Feisler e Sr. Moreira de Sá)

2. **Haydn** — Concerto para violoncello.

I *Allegro moderato*.

II *Adagio*.

III *Final*.

II

3. **Boccherini** — Sonata concertante para violoncello e piano.

I *Adagio*.

II *Allegro*.

(Ao piano o Sr. JEISLER)

*

Na noite de 11 do corrente, realisou a Real Academia de Amadores de Musica, no salão do Conservatorio, o seu primeiro concerto da presente epocha.

O programma que constava de obras de Haydn, Mozart, Beethoven, Ambroise Thomas e Gade, foi cumprido á risca, sendo a orchestra dirigida pelo distincto professor G. Wendling.

Em todos os numeros mostrou a orchestra mais firmeza e afinação, que a que observámos nos concertos da epocha finda, o que registamos com satisfação sincera.

Especialisaremos a segunda symphonia em *sol* de Haydn, obra d'uma notavel frescura e graciosidade, e a que a orchestra deu um apreciavel colorido e imprimiu um rigor de estylo digno de elogios.

O *minuete* da terceira symphonia em *mi bemol* de Mozart, comquanto fosse executado com firmeza, pareceu nos ter sido levado muito lentamente, o que prejudica o caracter do trecho.

A sala apresentava uma numerosa e escolhida assistencia, que applaudiu com enthusiasmo todos os numeros do bem elaborado programma.

*

A favor do Asylo Profissional do Terço, realisou-se em 2 do corrente, no salão da Photographia União, no Porto, um concerto

a que assistiu El-Rei e que mereceu applausos entusiasticos do numeroso publico.

O programma foi o seguinte:

1.^a parte

1.^o — (a) Cantiga de amor; (b) Mazurka; (c) Aldeã (berceuse); (d) Polaca, Arthur Ferreira.

2.^o — Svendsen (Romanza), op. 26; Vieuxtemps (Tarantelle), op. 22, para violino, pela ex.^{ma} sr.^a D. Alice de Andrade Mello.

3.^o — Dunkler (Introduction e Polonaise), para violoncello, C. Quiles.

4.^o — Puccini, Madame Butterfly, acto 2.^o, Um bel di vedremo, pela ex.^{ma} sr.^a D. Margarida Fernandes Braga.

2.^a parte

5.^o — Sarasate (Zapateado), op. 23, para violino, pela ex.^{ma} sr.^a D. Alice de Andrade Mello.

6.^o — Il flauto magico, pela ex.^{ma} sr.^a D. Anna Fius Gomes Pinto.

7.^o — Beethoven (Sonata pathetica), Arthur Ferreira.

Os acompanhamentos ao piano foram feitos pelos distinctos professores srs. Roncagli e Xisto Lopes.

*

No *Orfeon Portuense*, em 2 d'este mez e com o concurso dos notaveis artistas de Berlim Madame Tereza Schnabel (cantora) e M. Arthur Schnabel (pianista), realisou-se um magnifico concerto, cujo programma foi o seguinte:

Schubert (canto) — Der Kreuzzug, Suleika (2.^o canto), Der Tod und das Madchen, Die Törelle; Schumann, Fantazia para piano; Schumann (canto) — Waldesgespräch, O ihr Herren, Ich grolle nicht; Frühlingsnacht (piano) — Improptu, em *la bemol*, Moment musical em *fa menor*, Improptu em *si bemol*; Wolf (canto) — Das verlassene Mädlein, Die Fussreise, Gesang Weylas, Elfenlied; Brahms. Chopin, Weber (piano) respectivamente — Rapsodia em *sol menor*, op. 70, Berceuse, Invitation à la valse.





PORTUGAL

O nosso já illustre compatriota Francisco de Lacerda que os fieis da *Schola Cantorum* de Paris tão bem conhecem e justamente apreciavam, encontra-se actualmente em Montreux (Suíça) onde é primeiro chefe d'orchestra.

*

Jacques Thibaud, o applaudido violinista francez que ouvimos em Lisboa, está contratado para em abril ir dar dois concertos ao Porto.

Não seria azado ensejo para tentar trazê-lo de novo á capital?

*

Concerto Sarti — E' possível que quando o presente numero esteja em distribuição, já tenha sido este concerto cujo programma se nos afigura dos mais interessantes.

Não nos enganaremos comtudo, propheticando desde já ao sympathico professor um completo exito n'esta sua festa, e para devido registo archivamos o programma que se compõe, entre outras obras em primeira audição, das seguintes: *Les fils des Asra* de Rubinstein, *Paysage polaire* e *Peer Gynt* de Grieg, e de trechos de musica nacional estylisados por Sarti.

Emfim, deve ser uma bella noite d'arte a que não faltarão amadores e applausos.

*

No dia 26 d'este mez, ás 8 horas e meia da noite, celebra-se no Salão do Conservatorio a festa artistica do sympathico professor Francisco Benetó.

Em obsequio ao distincto e applaudido violinista, tomam parte no seu concerto conhecidos artistas e amadores.

Por todos os motivos deve ser uma bella festa.

*

A *Sociedade de Musica de Camara* recomeça no dia 28 os seus trabalhos da epoca de 1908-1909.

Por motivos obvios, não póde a *Arte Mu-*

sical alongar-se em considerações sobre a acção d'esta sociedade, e sobre o que ella tem procurado fazer em favor da boa musica. Mas, não nos levarão a mal que ao menos chamemos a attenção dos amadores e do publico que por estes assumptos se interessa, para a nova serie de audições, onde haverá occasião de ouvir pela primeira vez em Portugal algumas das boas obras da arte antiga e contemporanea.

A seguir, damos o programma do primeiro concerto.

I

Quarteto n.º 7..... HAYDN

(para dois violinos, violeta e violoncello)

II

Sonata n.º 5, op. 24..... BEETHOVEN

(para piano e violino)

III

Octeto, op. 20..... MENDELSSOHN

(para quatro violinos, duas violetas e dois violoncellos)

Collaboram n'este programma as Ex.^{mas} Sr.^{as} D. Ernestina Freixo, D. Stella d'Avila, D. Bertha da Cunha e Menezes, D. Camilla d'Avila e os Srs. Francisco Benetó, Cecil Mackee, Antonio Lamas, Carlos Estevão de Sá e D. Luiz da Cunha e Menezes.

ESTRANGEIRO

O nosso conhecido Ysaye, actualmente em Londres, deve ter dado um concerto a 21 do corrente, onde executaria uma sonata de Geminiani, discipulo de Corelli (1680-1762), e de quem se disse que excedeu o mestre.

No piano parece que se ouviria Theophilo Ysaye, irmão do grande violinista.

*

Devido á intervenção de Adelaide Bolska, da Opera de S. Petersburgo, o governo imperial acaba de consentir na construcção do monumento a Chopin, que uma commissão composta pelas principaes familias de Varsovia, havia projectado.

A inauguração da estatua effectuar-se-ha no primeiro de março de 1909, centesimo anniversario do illustre compositor.

*

Parece ser uma joven artista austriaca, Mademoiselle Mimi Aguglia, quem bate o

record das chamadas ao proscenio. N'uma comedia em que entrou teve 50. Caruso fica a perder de vista.

*

O *God save the king* vae ter afinal um compasso uniforme, deixando de ser executado ora como marcha funebre, ora como aria de dansa. A instancias de S. M. o Rei Eduardo fixou-se o movimento do hymno em 84 graus por minuto.



Mais um artista de grande valor, descansa hoje na eternidade! Paulo Taffanel falleceu na manhã do dia 22 de novembro, depois d'uma longa agonia. *Virtuose* d'uma ordem absolutamente excepcional, musico instruido e chefe d'orchestra dotado de raras qualidades, Paulo Claude Taffanel, nasceu em Bordeaux a 16 de setembro de 1844.

Neto d'um *luthier*, filho d'um professor que era mestre de banda da guarda nacional, foi educado n'um meio essencialmente musical, onde as suas aptidões poderiam facilmente desenvolver-se.

Enviado bem cedo para Paris, e recomendado a Dorus, foi admittido por este professor na sua classe do Conservatorio, onde recebia o primeiro premio de flauta no seu primeiro concurso de 1860.

Passou então para a classe de harmonia de Reber, obtendo o primeiro premio em 1862, depois do que, tendo sido Reber nomeado professor de composição, seguiu o seu mestre, e era galardoado com o primeiro premio de fuga em 1863.

Em 1864, depois de ter passado dois annos na orchestra da Opera Comica, entrava Taffanel para a da Grande Opera, onde em breve occupava o lugar de primeiro flauta. Fazia então parte da *Société des Jeunes Artistes*, de Padeloup, que elle seguiu, quando este fundou os Concertos Populares. Não devia comtudo permanecer ali por muito tempo, pois que, devido ao seu admiravel talento de *virtuose*, em breve era chamado a fazer parte da Sociedade dos concertos do Conservatorio, como primeiro flauta.

Muito activo, e dotado d'um verdadeiro temperamento de artista, fundava em 1879,

com Gillet (oboé), Turbau (clarinete), Bremond (trompa), Espaignet (fagote) e Bailly (contra-baixo), essa magnifica *Sociedade de Musica de Camara* de instrumentos de vento, que tanto successo tem causado não só em Paris, como em Inglaterra, Allemanha e Russia.

Entretanto tomava parte n'um concurso da Sociedade dos Compositores, em que era premiado o seu bello quintetto de instrumentos de vento.

Em 1890 era nomeado terceiro chefe d'orchestra da Opera; em 1892, eleito chefe da Sociedade de Concertos, e no anno seguinte succedia a Colonne como primeiro chefe da Opera. N'esta carreira, não foi Taffanel menos feliz que na de concertista.

Em 1893, com a retirada de Henri Altés, era nomeado professor de flauta do Conservatorio, e pouco tempo depois encarregavam-no da direcção da classe de orchestra.

Ha sete annos porém, sentindo-se fatigado, demittia-se da Sociedade de Concertos, onde era substituido por Marty, que morreu poucos dias antes d'elle, e o anno passado attingido já pela doença que o victimou, deixava o seu lugar da Opera.

Taffanel occupou um lugar proeminente no mundo musical, tendo prestado relevantes serviços á arte como professor, *virtuose* e director d'orchestra.

*

Calculavamos poder no presente numero falar mais desenvolvidamente da saudosa e veneravel senhora que se chamou Madame Girard e isso mesmo promettiamos no numero anterior, onde registavamos a sua morte e onde — aproveitemos o ensejo — referindo-nos á acção educativa por ella exercida, lemos depois impresso: *acção decorativa*, o que sem ser positivamente um contrasenso e não era bem o que queriamos frisar.

Paciencia, e com respeito á nossa promessa, ainda hoje não nos é possivel satisfaze-la, por não nos haverem chegado a tempo os apontamentos que amavelmente nos fornecerá o illustre filho da fallecida, o nosso querido amigo Alberto Girard.



PAULO TAFFANEL

Edições da casa **LAMBERTINI**

43, Praça dos Restauradores, 49

LISBOA

PIANO E CANTO

Fonseca	
Cinq pièces	\$600
Pereira	
<i>Natus est Jesus</i> , texto portuguez.	\$500
Revello	
<i>Si J'osais</i>	\$500
Sarti	
Six chansons á dire:	
N.º 1 — <i>Le chant de la pluie</i> ..	\$500
» 2 — <i>Le baiser</i>	\$500
» 3 — <i>Les cheveux</i>	\$500
» 4 — <i>Les deux coeurs</i>	\$500
» 5 — <i>Détachement</i>	\$500
» 6 — <i>Pourquoi rougissent les roses</i>	\$500
Os seis numeros em collecção.	2 \$000
Trois chansons á dire:	
N.º 1 — <i>Dernières prières</i>	\$500
» 2 — <i>Tendresse</i>	\$500
» 3 — <i>Testament d'amour</i> ...	\$500
Os tres numeros em collecção.	1 \$000
<i>Les chaines</i>	\$000
Schira	
<i>Sognai</i> , texto italiano	\$300
<i>L'ultima lagrima</i> , texto italiano.	\$300

VIOLINO E PIANO

Hussla	
<i>Feuille d'album</i>	\$600

PIANO SÓ

Battmann	
<i>Aida</i> , petite fantaisie	\$400
Bomtempo	
<i>Chrysantème</i> , menuet	\$500
Braga	
<i>Perle du Chiado</i> , valse	\$400
Brinita	
<i>Romance sans paroles</i>	\$600
<i>Menuet</i>	\$400
Carpentier	
<i>Aida</i> , transcription facile	\$300
Cifuentes	
<i>Hymno de Castello Branco</i>	\$400
Colaço	
<i>Fado Hylario</i>	\$600
<i>Fado Corrido e do Pintasilgo</i> ...	\$800

Daddi	
<i>Remembrança</i> , valsa	\$400
Florez	
<i>Sempre</i> , valsa	\$500
<i>Trevo</i> , valsa	\$500
Fonseca	
Cinq pièces	1 \$000
Furtado	
<i>Zininha</i> , valsa	\$500
Hussla	
<i>Quarta Rapsodia Portuguesa</i> ...	\$800
Lacerda	
<i>Canção do Berço</i>	\$400
<i>Luçitanas</i> , valsa	\$600
Mackee	
<i>Caressante</i> , valsa	\$500
<i>Honey Moon</i> , valsa	\$500
Mantua	
<i>Devaneio</i> , valsa	\$500
<i>Grata</i> , valsa	\$500
<i>Broinhas de Milho</i> , pas-de-quatre	\$500
<i>P'ra inglez ver</i> , valsa	\$500
Mascarenhas	
<i>Celeste</i> , polka	\$300
Motta (Vianna)	
Scenas portuguezas:	
N.º 1 — <i>Canção do Figueiral e Ao Viatico</i>	\$500
» 2 — <i>O'Malhão e Canção de Aveiro</i>	\$500
» 3 — <i>Canção da Beira e Canção do Douro</i>	\$500
Os tres em collecção	1 \$200
Oesten	
<i>Clochette de Alpes</i>	\$400
Oliveira	
<i>Caldas Club</i> , pas-de-quatre	\$500
Penna (filho)	
<i>Linda</i> , valsa	\$500
Pereira	
<i>Lisboa á noite</i> , valsa	\$500
Pinto	
<i>Confidence</i> , valsa	\$500
Rover	
<i>Arte Nova</i> , valsa	\$500
Sapetti	
<i>Espoir d'amour</i> , valsa	\$500
Zéline	
<i>Amas do Monte</i> , valsa	\$500
<i>Valsa Militar</i>	\$500



FORNECEDOR DAS CORTES DE SS.
MM. o Imperador da Allemanha e Rei da Prussia. — Imperatriz da Allemanha e Rainha da Prussia. — Imperador da Russia. — Imperatriz Frederico — Rei d'Inglaterra. — Rei de Hespanha. — Rei da Romania. — SS. AA. RR. a Princeza Real da Suecia e Noruega — Duque de Saxe Coburgo-Gotta. — Princeza Luiza d'Inglaterra (Marqueza de Lorne).
BERLIN N. — 5 e 7, JOANNISTRASSE.
PARIS — 334 RUE ST. HONORE.
LONDON W. — 10, WIGMORE STREET.

LAMBERTINI

Representante e unico depositario
dos celebres pianos de

BECHSTEIN

BERLIM—CAROL OTTO—BERLIM

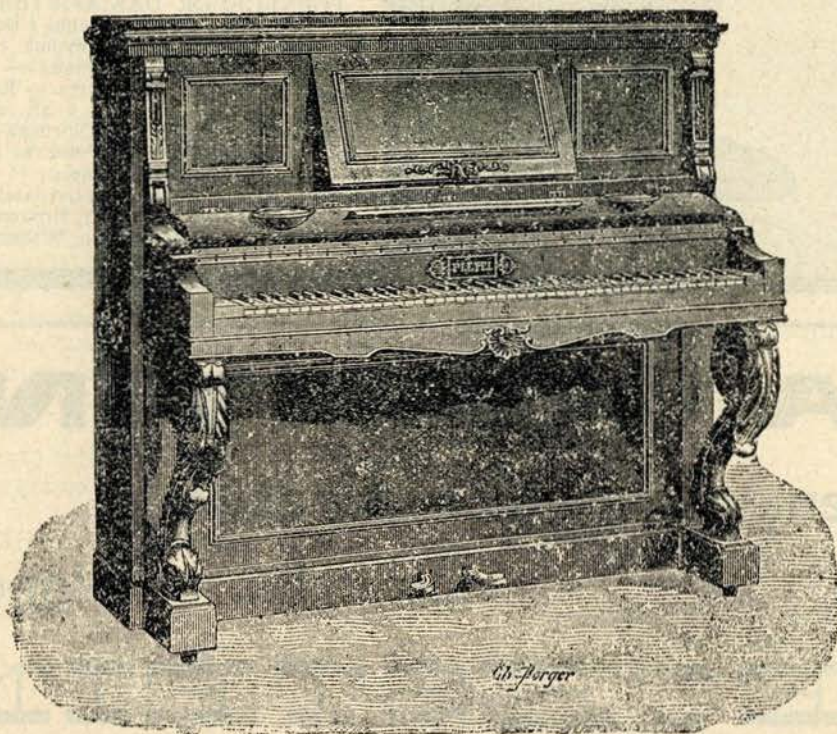
Os pianos de **Carol Otto** são a cordas cruzadas, tres cordas, sete oitavas, armação em ferro, sommeiro em cobre ou ferro dourado, teclado de marfim de primeira qualidade, machinismo de repetição, systema aperfeiçoado.

Exterior elegante — Boa sonoridade — Afinação segura — Construcção solida

BERLIM—CAROL OTTO—BERLIM

PLEYEL WOLFF LYON & C^{IE}

GRANDE FABRICA DE PIANOS E HARPAS
PARIS



HARPA CHROMATICA SEM PEDAES

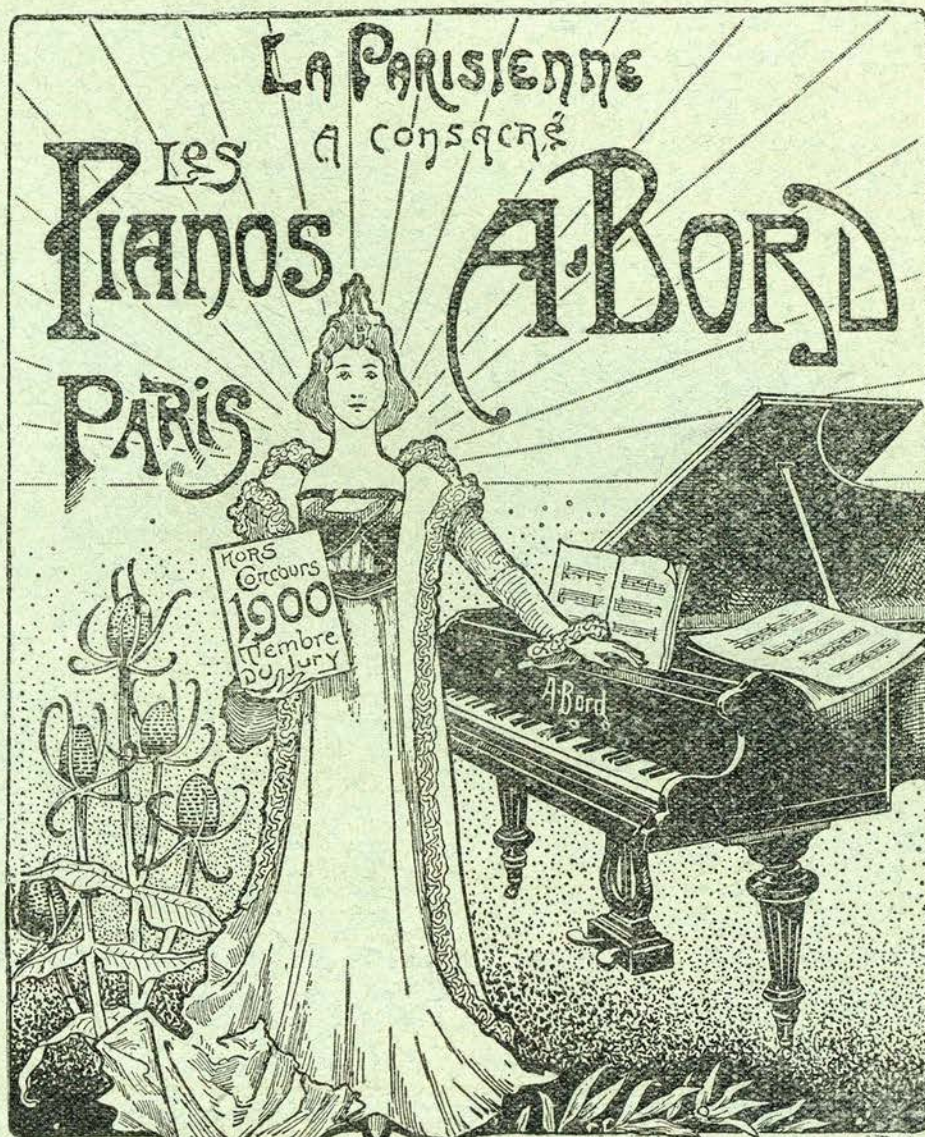
(SYSTEMA LYON PRIVILEGIADO)

PIANO DUPLO PLEYEL

(SYSTEMA LYON PRIVILEGIADO)

Inventor:—ENG. GUSTAVE LYON, official da Legião d'Honra

PRESIDENTE DO JURY (CLASSE 17) DA EXPOSIÇÃO DE PARIS—1900



14 bis BOUL^E POISSONNIERE

Commendador da ordem de Christo (1894)

Fabricação annual.....	5:000
Produção até hoje	116:000

Exposição Universal de Paris (1900)

Membro do Jury — Hors concours

PROFESSORES DE MUSICA

Adelia Heinz , professora de piano, <i>Rua de S. Bento, 56, 1.º E.</i>
Alberto Sarti , professor de canto, <i>Rua Castilho, 34, 2.º</i>
Alexandre Oliveira , professor de bandolim, <i>Rua da Fé, 48, 2.º</i>
Alexandre Rey Colaço , professor de piano, <i>R. N. de S. Francisco de Paula, 48</i>
Alfredo Mantua , professor de bandolim, <i>Calçada do Forno do Tijolo, 32, 4.º</i>
Alfredo Napoleão , professor de piano, <i>Rua do Carmo, 60.</i>
Antonio Soller , professor de piano, <i>Rua Malmerendas, 32, PORTO.</i>
Candida Cilia , profes. ^a de musica, piano e harmonium, <i>L. de S.ta Barbara, 51, 5.º D.</i>
Carlos Gonçalves , professor de piano, <i>Rua do Monte Olivete, 2 C., 2.º</i>
Carolina Palhares , professora de canto, <i>C. do Marquez d'Abrantes, 10, 3.º, E.</i>
Eduardo Nicolai , professor de violino, <i>informa-se na casa LAMBERTINI.</i>
Elisabeth Von Stein , professora de violoncello, <i>R. S. Sebastião, 9, 2.º</i>
Ernesto Vieira , <i>Rua de Santa Martha, 232, A.</i>
Francisco Bahia , professor de piano, <i>R. Luiz de Camões, 71.</i>
Francisco Benetó , professor de violino, <i>Rua do Conde de Redondo, 1, 2.º, D.</i>
Guilhermina Callado , prof. de piano e bandolim, <i>R. Paschoal Mello, 131, 2.º, D.</i>
Joaquim A. Martins Junior , prof. de cornetim, <i>R. das Salgadeiras, 48, 1.º</i>
José Henrique dos Santos , prof. de violoncello, <i>T. do Moinho de Vento, 17, 2.º</i>
Julietta Hirsch Penha , profes. ^a de canto, <i>Travessa Santa Quiteria, 17, 3.º</i>
Léon Jamet , professor de piano, órgão e canto, <i>Travessa de S. Marçal, 44, 2.º</i>
Lucila Moreira , professora de musica e piano, <i>Avenida da Liberdade, 212, 4.º D.</i>
M.^{me} Sanguinetti , professora de canto, <i>R. da Penha de França, 4, 3.º</i>
Manuel Gomes , professor de bandolim e guitarra, <i>Rua das Atafonas, 31, 3.º</i>
Marcos Garin , professor de piano, <i>C. da Estrella, 20, 3.º</i>
Maria Margarida Franco , professora de piano, <i>Rua Formosa, 17, 1.º</i>
Philomena Rocha , professora de piano, <i>Rua D. Carlos I, 144, 3.º</i>
Rodrigo da Fonseca , professor de piano e harpa, <i>Rua de S. Bento, 47, 2.º, E.</i>

A ARTE MUSICAL

Preços da assignatura semestral

PAGAMENTO ADIANTADO

Em Portugal e colonias.....	1\$200
No Brazil (moeda forte).....	1\$800
Estrangeiro.....	Fr. 8

Preço avulso 100 rs.

Toda a correspondencia deve ser dirigida à Redacção e Administração

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 A 49—LISBOA